

AS IDENTIDADES CIENTÍFICAS

A distinção convencional entre ciências exatas e ciências humanas (ou entre ciências da natureza e ciências sociais e ciências do espírito) não basta, merece ser aprofundada segundo outro critério que não seja o objeto de estudo da ciência, mas segundo os princípios filosóficos fundantes associados às formas de saber:

J. Habermas distinguiu desse ponto de vista as ciências: *Empírico-analíticas* e *histórico-hermenêuticas*. (In: Conhecimento e Interesse)

Essa distinção sugere uma especificidade das operações mentais e das performances cognitivas requeridas nas duas grandes regiões do conhecimento e do saber. É possível identificar as funções intelectuais mobilizadas num caso e no outro. Isso “constrói” o perfil das competências que cada envolvido acumula e desenvolve na sua estrutura intelectual, e mais profundamente pode até se referir ao perfil das personalidades – dos envolvidos.

- *Histórico-hermenêuticas*: educação da percepção estética, compreensão hermenêutica das formas naturais ou físicas, das culturais, das simbólicas, desenvolve a faculdade de julgar refletindo a partir da identificação por dados, contextualizações diversas, que demole os preconceitos, os sentidos comuns, funda-se sobre a crítica sistemática etc. A pergunta *para que serve?* abre um corolário de críticas e desqualificações sobre o sentido e a importância da inteligência hermenêutica. As humanidades de um modo geral desenvolveram-se sob essa matriz, o que não quer dizer que não haja escolas, mesmo disciplinas inteiras que tenham sido “invadidas” pelo cientificismo monopolista engendrado pela inteligência analítica. Acontece isso na Economia, em várias práticas da Sociologia, Psicologia, Antropologia, na Geografia etc. Mesmo os estilos de práticas da Filosofia refletem uma divisão entre as matrizes do saber. Um exemplo é o que ocorre no meio acadêmico dos Estados Unidos.
- *Empírico-analíticas*: a inteligência analítica se incomoda pouco com as interações e não identifica os discursos tendo em conta contextos; parte de elementos dissociados da realidade física e de uma idealização matemática, de construir relações unívocas de causa e efeito, e tudo só adquire significação no interior de paradigmas. Desenvolvida no âmbito das ciências da natureza, se expressa também no campo das humanidades e da Filosofia, como o caso da Filosofia Analítica.

No interior do quadro cultural das sociedades contemporâneas as competências da matriz histórico-hermenêutica são largamente subestimadas. Tanto no interior da cultura empírico-analítica, quanto também junto às autoridades institucionais acadêmicas e políticas, junto ao mercado econômico, e mais difusamente na cultura comum das sociedades modernizadas.